NOVELLAE OLIVARUM



ANO VIII / DEZEMBRO 1950 / NÚMERO 80

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO ALVES
Redactor — MANUEL LUÍS
Proprietário e Editor — RUY CORRÊA LEAL
Administrador — MÁRIO RAFAEL MARTINS DA CUNHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

O XXI.º Aniversário da Eleição de S. Em.ª o Senhor Cardeal Patriarca — Director 227

O Advento — Martins Heitor 231

Ecos da Vida Litúrgica:

Missa das Crianças — A. E. F. 236

Novo texto da Missa da Assunção? — M. M. 239

Teologia do Sofrimento — Eugénio dos Santos 240

Cânticos da Vida Cristã — 1.º: Ofertório — Letra do P.e José Mendes Serrazina; Música do P.e Renato Ramos 247

Crónica de Hoje — Cronista 248

Bibliografia — J. A. 250

O XXI° Aniversário da Eleição

de S. Em.ª o Senhor Cardeal Patriarca (*)

Dia 18 de Novembro!

Dia grande e de festa para o Patriarcado.

Efectivamente faz hoje vinte e um anos que o Sr. D. Manuel Gonçalves Cerejeira foi escolhido para Patriarca de Lisboa.

Tão feliz nova encheu de alegria os corações de todos os crentes desta multissecular Igreja Lisbonense.

Na verdade, encontrava-se então, orfã e a pedir insistentemente viesse até ela o enviado do Senhor.

Foi em 18 de Novembro de 1929 que Deus lho mandou.

Hoje, a vinte e um anos de distância, ao chegar esta data tão gloriosa, todo o Patriarcado canta e reza de novo.

Canta as inumeráveis misericórdias do Senhor que lhe mandou o Bispo-Pontífice-Doutor e Chefe por que tanto suspirava.

Reza agradecida ao Senhor pedindo lhe conserve tão grande Pastor: «Senhor conservai, vivificai e enchei das vossas Graças... o nosso Eminentíssimo Prelado...»

A hora que o mundo atravessa é própria para uma apreciação conveniente deste dom de Deus: *o Bispo.*

Se há, em nossos dias, tantos cristãos desorientados, é porque os inimigos de Deus, lhes roubaram os seus Bispos — dando-lhes em troca falsos profetas e falsos chefes. Há Cristandades desorganizadas, oprimidas — às quais se não prega a Verdade, nem se ministra a Vida — entregues a si mesmas e sujeitas à satânica tirania do mal!...

(*) Discurso pronunciado na sessão de homenagem a Sua Eminência Reverendíssima em 18 de Novembro.

Ao contemplarmos tudo isto, que se verifica pelo mundo a desafiar a Justiça Divina, e ao olharmos o Patriarcado com o seu Venerando Pastor — temos de exclamar: *que grande dom nos faz Deus ao conservar-nos o nosso Bispo.*

O Bispo é, na sua diocese, o grande dom de Deus!

Por Ele vem a Verdade — por Ele vem a Fé — por Ele vem a Vida. Estar com Ele, é estar com Cristo, é estar com a Sua Igreja.

Como todos os cristãos do Patriarcado, neste dia em que Sua Eminência lhes foi dado, como Pastor, devem agradecer a Deus tão grande dom com a alma toda em labareda mística. Bastava fizessem o contraste entre o que se passa em tantas dioceses privadas dos seus pastores e esta diocese a que pertencem. E ao agradecer ao Senhor a sua Bondade, devem todos *renovar neste dia a sua profissão de fé na Santa Igreja, representada no Senhor Cardeal Patriarca* — cantando do mais fundo da alma e com a alma toda: «Credo et unam... apostolicam Ecclesiam».

«Unam» porque n'Ela um só é o magistério — uma só é a doutrina; «unam» porque um só é o ministério — um só é o culto como são uns os sacramentos; «unam» porque uma só é a autoridade.

Mas a Igreja é una, precisamente porque é Apostólica, pois os Bispos, sucessores dos Apóstolos, têm como eles um mesmo Senhor — Cristo, que subido ao Céu deixou na terra como seu Vigário Supremo, Pedro, que é o Papa; têm a mesma fé e ensinam a mesma doutrina que os Apóstolos; têm o mesmo culto e os mesmos sacramentos; têm a mesma autoridade que eles. *A Igreja é una e apostólica. O Bispo na sua diocese é garantia de Unidade porque é legítimo sucessor dos Apóstolos e está unido a Cristo na pessoa do Papa.*

Como cada cristão ao contemplar estas verdades tão grandes e actuais devia exercer sobre elas a sua fé no dia em que Deus lhe deu o seu Bispo!

Grande é a missão do Bispo na Igreja de Cristo!

Inculca-o claramente a Santa Igreja ao apresentá-lo depois de sagrado...

Está revestido dos paramentos da dignidade. Na cabeça a mitra — símbolo da força e da intrepidez na defesa da Verdade. Na mão o báculo e o anel. O primeiro, a simbolizar o seu cargo de pastor que a todos procura dirigir para a tenda do Pai, pelo caminho da Verdade e do Bem, reprimindo os erros e os defeitos. O segundo — o anel — a indicar o seu inquebrantável amor da Fé.

Eis, que nos surge *o Bispo* desde os primeiros instantes como *o cam-*

pião da Verdade — o Pastor incansável — a garantia firme da integridade da fé.

São bem as *colunas* da Igreja como o foram os Apóstolos. E porque são colunas, hoje como ontem, movem-se *contra eles* as perseguições do inimigo. Basta abrir o Martirológio para descobrir lá, em cada página, as grandes figuras de Bispos que selaram *com o seu próprio sangue* (1) a fé e o amor à Igreja de Cristo. Hoje, mais folhas se acrescentaram, e se acrescentam ainda, a este livro da fé ilustrada pelo martírio (2). Morrendo, ou sofrendo embora, os Bispos continuam a ser colunas indestrutíveis.

O inimigo não quere admitir o direito da Santa Igreja à existência. Tenta a todo o custo destrui-la. Não o conseguirá pois tem garantias divinas. Persiste, porém, o poder das trevas em não querer reconhecê-las. Uma coisa confessa apenas, que nada conseguirá enquanto a Igreja viver em unidade de fé, de obediência e de culto. Por isso, táctica satânica, vá de dividir, de separar, para depois vencer. Roubam-se os pastores — martirizam-se depois, e esfrangalham-se mesmo os corpos dos cristãos — enviam-se-lhes falsos profetas e falsos pastores e funda-se até uma falsa igreja — tudo isto para vencer, dividindo.

Mas a Igreja não sucumbriá. Até o fim dos tempos estará em unidade de fé, de obediência e de culto, enquanto Deus lhe conservar os seus Bispos, em comunhão com o Papa.

Se a Igreja permanece, cada cristão só se manterá unido ao tronco e no verdadeiro redil, enquanto resistir ao inimigo de Cristo no seu trabalho de divisão. Se acreditar só naquilo que Cristo propôs e propõe pela boca dos Apóstolos e seus sucessores; se obedecer à autoridade dos Apóstolos, vivos hoje no Papa e nos Bispos; se participar no verdadeiro culto da verdadeira Igreja de Cristo.

Unidos assim os cristãos aos seus Bispos, e estes ao Papa, a Cristo, formarão todos *dura rocha* que despedaçará o que contra Ela ousar erguer-se.

Contra a divisão — a União; contra a separação — a Unidade.

---

(1) São os Apóstolos com Pedro e Paulo na vanguarda; é a longa teoria de papas sucessores de S. Pedro: Lino — Anacleto — Clemente — Evaristo — Aniceto — Calisto — Cornélio e Marcelo; é a multidão de bispos: Timóteo — Inácio de Antioquia — Policarpo — Cipriano — Eusébio — Bonifácio — Tomás de Cantuária e tantos outros que nos legaram igual exemplo.

(2) Basta recordar os bispos que sofreram ou sofrem ainda em campos de concentração ou em profundas masmorras.

Os ramos no tronco, as ovelhas no redil sob a vigilância do verdadeiro Pastor.

Como são actuais aquelas recomendações de Santo Inácio de Antioquia, feitas aos cristão das igrejas por onde ia passando, na sua gloriosa caminhada para o martírio, para permanecerem todos unidos ao seu Bispo, que «é Cristo entre eles» — «o representante dos Apóstolos» — «o Bom Pastor» — o verdadeiro Chefe.

Cantemos todos, hoje, as misericórdias do Senhor, e ao saudarmos o Senhor Cardeal Patriarca, vejamos n'Ele o *representante de Cristo — o sucessor dos Apóstolos — o nosso Pontífice — o nosso Pastor* e *o nosso Doutor.* Confessemos, então, a nossa fé, dizendo com todas as veras da nossa alma:

«Credo et unam... apostolicam Ecclesiam» e ergamos os nossos corações a Deus cantando e rezando:

«Bendito sejais, Senhor, pelo dom que nos
fizestes! Conservai-nos, por muitos anos,
tão santo e sábio Pastor.

O Director

ADVENTO

I — ORIGEM ([1])

Os liturgistas costumam geralmente descer ao séc. VI, para encontrarem testemunhos certos e seguros da existência deste tempo como período litúrgico. Com efeito são deste século os concílios de Tours que, em 567, impunha aos frades um jejum que começava em Dezembro e o I de Macon que, em 583, o estendia a toda a Igreja.

Todavia creio que podemos recuar um pouco mais, sem temeridade. Nos princípios do séc. IV, apareceu no Oriente a afirmação de que em Jesus Cristo havia duas pessoas inteiramente distintas — a divina e a humana. E daí a negação da Maternidade Divina de Nossa Senhora e o apoucamento do Mistério da Incarnação. A Igreja reagiu e no concílio de Éfeso, em 431, condenou-a solenemente como herética. Em sinal de protesto o Natal enche-se de esplendor e começa a aparecer em Ravena, nas Gálias e em Espanha, um período litúrgico, a preparar a comemoração do Nascimento de Jesus. Era o Advento que se afirmava a pouco e pouco.

Dizemos, que se afirmava porque de facto ele já existia, embora, particularmente. Para o confirmar basta ver o cuidado com que os primeiros cristãos preparavam todas as festas da Igreja e por conseguinte também a do Natal. E, além disso, há documentos que, embora, não sejam definitivos, são indício claro da sua existência, e bastante aceitável. Para exemplo podemos apontar o concílio de Saragoça que já, em 380, indicava práticas especiais para este tempo e um fragmento dum texto de S. Hilário, anterior a 366, que diz que a Igreja se preparava para a vinda do Messias por um período misterioso de três semanas.

([1]) Neste trabalho servimo-nos das obras seguintes: «Dictionaire d'archéologie chretiènne et de liturgie» e «L'année liturgique», de D. Guéranger.

Daqui a conclusão de D. Cabrol: «É preciso dizer que o Advento, como tempo litúrgico e, ao menos no sentido lato, existe já, desde a primeira metade do séc. V e até mesmo do final do séc. IV».

II — MÍSTICA

Històricamente, o Advento comemora os muitos séculos de esperança decorridos desde a promessa do Redentor à vinda de Jesus Cristo. O homem peca; e a Misericórdia divina apressa-se a remediar o desconserto da Criação prometendo o Messias que havia de surgir na descendência de Eva personificando-a, para resgatar todos os homens e para lhes abrir de novo as portas do Paraíso. Grande foi a falta, mas maior foi o remédio. E desde esse momento, todos os olhares dos santos da Antiga Aliança se polarizaram nesta esperança tão consoladora.

Mas ao lado desta comemoração histórica e em relação de semelhança com ela há a expectativa cristã que traz após si o cortejo das muitas graças que lhe são próprias. As festas da Igreja não são meras evocações do passado, são realidades presentes e bem definidas, embora, espirituais. Não podemos preparar-nos para a vinda redentora do Messias — Ele já veio — mas podemos e devemos preparar-nos para a vinda do Senhor às nossas almas, para nos dar novas forças e novo alento.

E por detrás deste plano, e na mesma perspectiva, há ainda outra vinda, a do fim do mundo em que Jesus há de vir não já como manso Cordeiro, nem como doce Hóspede das almas, mas como justo Juiz a distribuir prémios e castigos.

E nestas três vindas se resume todo o pensamento do Advento.

III — PRÁTICA

Ao longo do Ano litúrgico, a Igreja vai apresentando à nossa meditação os mistérios de Jesus Cristo, as virtudes que temos de conquistar e as práticas que dizem melhor com o espírito de cada tempo. Ao cristão compete descobrir essas riquezas, fazê-las suas e mergulhar nelas cada vez mais, para lhes aprender todo o sentido.

Ora se todos os tempos são ricos em sugestões para a vida espiritual, o Advento é-o também e por vários motivos. É princípio de ano, e por isso, óptima ocasião de examinar o passado e preparar o futuro; é o tempo

do Advento, que lembra logo as virtudes da esperança e da alegria no Senhor; é a preparação para o Natal, e daí o convite à oração e à penitência.

1.º — Todos os bons directores espirituais mandam que, de vez em quando, se olhe para trás a observar tudo o que influiu na nossa vida de união com Deus. Ver o que houve de bem e de mal, examinar as causas e as consequências e depois tirar as conclusões. Ora não há tempo mais próprio para esse exame do que este, em que acaba um ano e começa outro. E todos os que intentam caminhar na virtude não podem duvidar do seu altíssimo valor.

Por isso há que fazê-lo e fazê-lo sem desânimos, nem vaidade; e para nos ajudar realizemos no nosso espírito a descrição evangélica do 1.º domingo e seguindo a Epístola de S. Paulo aos Romanos fixemos cuidadosamente tudo o que nos impediu de nos revestirmos de Jesus Cristo. Se foram poucas coisas, demos graças a Deus; se, porém, foram muitas, ponhamos os olhos no céu e rezemos com humildade o Intróito da missa do 1.º Domingo que diz assim: «Ó meu Deus, confio em Vós, não permitais que eu fique confundido e envergonhado, nem que me deixe vencer pelos meus inimigos».

E depois, tiremos conclusões práticas e formulemos os nossos propósitos para o futuro. De nada vale conhecer o passado, se não nos aproveita para a vida. Por isso o Intróito continua: «Mostrai-me, Senhor, os vossos caminhos e ensinai-me a conhecer as vossas veredas».

2.º — Isto, porém, é o que poderíamos chamar preparativos ou disposições prévias para um bom resultado. De facto, sem projectos não há futuro, mas também sem realizações não há vida. Por isso é indispensável que vivamos bem este período tão sugestivo, e que colhamos dos textos das missas e do breviário o que a S. Igreja propõe à nossa meditação.

Dissemos que o Advento é tempo de esperança e de alegria, e não podemos duvidar da oportunidade flagrante destas virtudes tão esquecidas. Muitos, levados por ideias que de há muito pairam no ar e hoje se concretizam em exércitos poderosos, põem a sua esperança em sistemas mais ou menos bem idealizados, mas sem projecção no campo da realidade. Esquecem-se esses tais de que só Deus é o guia seguro e forte que vence as intempéries do tempo e nos pode levar a bom termo. E ainda se apenas O esquecessem... mas embebidos de ideias revolucionárias tentam atacá-lO de frente. E não têm sido vãos os seus esforços, pois que já conseguiram

afastar do Senhor os momentos mais solenes da vida humana. Hoje, o doente vive para a dor, o industrial para o dinheiro, o político para as honras e poucos para a virtude.

A cisão entre Cristo e a vida é dolorosa, mas real; e as consequências estão à vista. Reinam por toda a parte a insaciedade, a desconfiança, o desespero e por fim a própria morte. Matam-se os indivíduos, morrem as sociedades, desaparecem as nações. E tudo isto por faltar a confiança em Deus e uma esperança cega nas promessas do Senhor. Todavia hoje já se ouve frequentemente dizer que para opor ao materialismo ateu, só a religião tem força suficiente.

No entanto essa força só existe se nós os que acreditamos no Senhor, vivermos intensamente a vida da Igreja que se manifesta na liturgia. Façamos nossos os sentimentos do Advento, firmemos a nossa esperança e digamos com amor: «A ti, meu Deus elevei a minha alma, espero em ti e não ficarei envergonhado» ([1]). «Eis que o Senhor aparecerá e Ele não mente; se demorar espera porque Ele virá e não tardará» ([2]). E quem assim o fizer não pode deixar de sentir uma alegria verdadeira e santa, que enraiza na alma e brota do coração. Por isso, a Igreja continua: «*Alegrai-vos* filhas de Sião, *exultai* filhas de Jerusalém» ([3]); «são horas de acordar porque está próxima a Redenção» ([4]). É a alegria da paz, a alegria da esperança, a alegria dos filhos de Deus. Muitos não a compreendem, mas nós conhecêmo-la por experiência e sabemos que é boa e salutar. O Senhor vem, preparemos-Lhe uma recepção o mais digna que nos for possível, vivendo a cada momento uma esperança inquietante e uma alegria arrebatadora.

3.º — No entanto não esqueçamos que um rei não se recebe sem trabalhos. Há que enfeitar os cantos, arrumar as salas, deitar fora o que não presta. É assim que faz toda a gente e assim devemos fazer nós também. Enfeitemos as nossas almas com as flores roxas da penitência e com as rosas brancas das boas obras. Tenhamos bem presente que sem a mortificação ninguém se pode salvar. E não será descabido, se recomendarmos aqui alguma penitência especial que faça sentir que tomamos a sério a nossa preparação.

([1]) Int. do 1.º Domingo.
([2]) 3 Ant. de Vésp. do 2.º Dom.
([3]) 2.º Ant. de Vesp. do 1.º Dom.
([4]) Cap. de Vesp. do 1.º Dom.

Mas, sobretudo, afastemos todo o pecado e nem sequer punhamos o problema do grave e do leve que não é próprio das almas grandes. Diz alguém que os pecados neste tempo, são picos que se põem no berço do Menino Jesus; e como Ele é muito pequenino, se os encontra, chora e vai-se embora. Tenhamos cuidado, porque pode não voltar.

É difícil este trabalho, mas não é impossível. Tudo conseguiremos se pela oração frequente alcançarmos o auxílio do Senhor. Na missa durante este tempo o sacerdote não diz que acabou a oração, mas que continuamos a bendizer ao Senhor: «Benedicamus Domino». De facto quem se interessa pela vinda de alguém não pode esquecer-se disso, e a todos os momentos vive em espírito a alegria e a emoção da chegada.

Rezemos, pois, com devoção e perseverança, peçamos ao Senhor que nos ajude a preparar-nos bem porque só assim conseguiremos o que desejamos. No 4.º Domingo, o Gradual anuncia que o Senhor está próximo, mas daqueles que O invocam — «Prope est Dominus, omnibus *invocantibus* eum». Tomemos cuidado não se entristeçam, com estas palavras, os nossos corações, quando tudo à nossa volta respirar alegria. Isso, porém, não acontecerá se realizarmos com a graça de Deus o lindo pensamento da antífona do «Magnificat» do sábado que precede o 2.º Dom.: «Vinde Senhor... para que nos alegremos diante de Ti com *coração perfeito*».

MARTINS HEITOR

Ecos da Vida Litúrgica

MISSA DAS CRIANÇAS

A Missa das Crianças vem tomando, entre nós, um grande incremento, devido, sobretudo, à extraordinária corrente de restauração litúrgica dos últimos tempos e mais pròximamente ao aparecimento de métodos próprios, em língua portuguesa, pelos quais as crianças podem, com maior compreensão, participar dos Augustos Mistérios do Altar e assim viver mais intensamente a sua Missa.

Duma maneira geral, nos grandes centros populacionais, onde a Missa das Crianças está organizada segundo estes métodos, verifica-se o entusiasmo sempre crescente com que elas a procuram; o que tanto mais nos admira, quanto sabemos serem na sua maioria filhas de pais indiferentes ou levemente hostís.

Há, no entanto, na aplicação destes métodos, pormenores que os autores não especificaram, deixando-os assim ao critério e iniciativa dos organizadores. A quarta edição do livro «*Missa das Crianças*», do P.e A. Gonçalves, traz, à maneira de apêndice, indicações muito úteis sobre a sua organização e funcionamento; não obstante isso, julgamos bem, pôr em comum alguns empreendimentos que a experiência própria ou alheia nos tem trazido ao conhecimento. Oxalá estas breves linhas possam ser úteis aos Reverendos Párocos e Directores de Catequeses nas suas tentativas para tornarem o Santo Sacrifício da Missa mais compreendido, melhor participado e consequentemente mais vivido pelas Crianças.

SUGESTÕES

A — O Grupo de «Meninos do Coro»

Já em muitas paróquias existem grupos bem formados de «Meninos do Coro», que, como Levitas do santuário, prestam valiosa colaboração nas cerimónias religiosas e no canto litúrgico, mas desconhecemos que tenham sido alguma vez aproveitados para desempenhar cargos de direcção quer no canto, quer na dialogação, na Missa da Catequese. Parece-nos muito vantajoso confiar-lhes a função de solistas, bem como a de locutores, de que mais adiante trataremos, pois seria uma maneira de alargar o âmbito das actividades do grupo e assim facilitar a entrada de mais elementos, mesmo afónicos, que viriam a ser aproveitados ou para as cerimónias ou para a locução. Teríamos então três grupos, fazendo parte dum só organismo, os «Meninos do Coro», com especialidades diferentes: cerimoniários, cantores, locutores.

Até agora dirigimo-nos a paróquias onde exista um grupo de «Meninos do Coro»; restringindo o assunto, alargamos o âmbito da sua aplicação; limitar-nos-emos pois a tratar dos locutores.

B — Corpo de Locutores

No já citado manual da «Missa das Crianças» do P.e A. Gonçalves, lê-se nas «Indicações para a sua organização e funcionamento», o seguinte: «é indispensável um bom Dirigente, habituado a lidar com crianças, suficientemente conhecedor deste livro e treinado no uso do Missal (o ideal seria que fosse um Sacerdote, mas poderá ser um Professor, um Catequista ou até mesmo uma simples criança mais velha), que pronuncie pausada e distintamente as palavras e seja capaz de manter as crianças em atenção.» Com a formação do Corpo de Locutores, poderá parecer que vamos contra a indicação do autor, tão competente e cheio de experiência deste assunto, mas queremos tão sòmente expor uma iniciativa que vimos realizada já, com pleno êxito, e que dalgum modo poderá explicitar o conteúdo da sua «indicação».

Achamos pois conveniente distinguir Dirigente e Locutor; o primeiro orientará toda a participação das crianças na Missa, principalmente a direcção dos cânticos e a parte referente à boa disciplina a manter no decorrer da Acção Litúrgica.

O Locutor limitar-se-á a dialogar a Missa com as crianças e a ler os textos do próprio de cada dia.

Foi na Paróquia de Nossa Senhora do Pópulo que vimos posta em prática esta ideia, segundo a expressão do Rev.^{do} Pároco, «para evitar a monotonia ou a rotina» ([1]). São dois meninos que dirigem toda a dialogação da Missa, um lê as partes fixas, o outro as móveis; apesar de pequenos, sabem impor-se de tal modo aos seus companheiros que o diálogo decorre perfeito, em uníssono, pausado, mas vivo e palpipante de entusiasmo. Os pequenos gostam de se sentir dirigidos por um dos da sua idade e o facto de verem a confiança que neles se põe, desperta-lhes o sentido da responsabilidade e põem nas respostas todo o brio, e na execução dos movimentos, toda a atenção. É admirável o silêncio que reina entre eles, apesar do reduzido espaço em que se congestionam, sem um mínimo da comodidade exigida, para ser possível a atenção e o recolhimento.

Como fazer para que esses pequenos locutores adquiram a facilidade de ler em público, de manejar convenientemente o missal e sobretudo a gravidade e compustura necessárias para que os outros se mantenham em respeito?

Parece-nos fácil, contando nós com o auxílio de Deus, para quem são todas as nossas actividades, com o entusiasmo e personalidade da criança que, uma vez investida de qualquer responsabilidade, procura sempre corresponder à confiança que nela se depositou. Sem dúvida exige trabalho persistente, tanto mais que teremos de contar com o complexo nervoso, nalgumas tão acentuado e que só o hábito de se vencer, bem como uma metódica iniciação conseguem dominar. É necessária, por conseguinte, uma escolha inteligente e criteriosa, preferindo-se crianças que além das qualidades naturais de boa dicção, possuam também a facilidade de se apresentarem em público e um grande ascendente sobre os outros pequenos. Na preparação deve ter-se em vista sobretudo a familiarização do locutor com as cerimónias e ritos da Missa, e sobretudo com os textos, para mais fàcilmente os poder ler.

Como os leitores devem ter reparado preocupámo-nos exclusivamente

---

([1]) Extraída duma carta do P.^{e} José Teodoro M. da Silva, pároco das Caldas-da-Raínha, à Academia de S.^{to} António, por ocasião dos trabalhos que esta empreendeu sobre a Missa das Crianças. Diz o texto: «Para evitar a monotonia ou a rotina, variam em cada domingo os locutores — um menino e uma menina —. Temos um corpo de locutores e locutoras que se revezam semanalmente». — Carta de 29/1/950.

com o aspecto genérico não levando o assunto a grandes pormenores práticos, porque os julgamos da competência dos ensaiadores.

Do que fica escrito parece-nos poderem concluir-se as múltiplas vantagens que a sugestão trará à Missa das Crianças, quebrando a monotonia e a rotina das fórmulas de dialogação e dando-lhes nova vida, novo calor, poderá tornar mais perfeita a participação activa das crianças no Sacrifício do Altar. Para os próprios locutores, será também uma fonte de formação cristã, pelo contacto frequente com a Sagrada Escritura e com os textos litúrgicos, bem como um óptimo meio de enquadramento na vida da Paróquia, ponto de partida para uma acção formativa mais profunda do que a do comum das crianças, que desertam mal fazem a Profissão de Fé.

Fazemos votos por que estas despretensiosas linhas possam servir para tornar mais vivida a Santa Missa, centro de toda a vida cristã, à volta da qual tudo deve gravitar, como os planetas à volta do Sol.

A. E. F.

NOVO TEXTO DA MISSA DA ASSUNÇÃO?

Há muito que os Liturgistas ansiavam pela substituição da Missa (próprio) de Nossa Senhora da Assunção, se não de todas as partes, pelo menos de algumas v. g. do Evangelho, que só tem razão de ser aplicado a Nossa Senhora num sentido exageradamente acomodatício. Ora parece que a proclamação do Dogma Assuncionista foi a ocasião propícia para esta substituição. Segundo informou uma Casa Editora Litúrgica espera-se que saia a lume o novo ofício de Nossa Senhora da Assunção, cujo texto será dado muito em breve pela Sagrada Congregação dos Ritos.

Verdade é que não consta que haja sido algo oficialmente anunciado a este respeito, porém o próprio facto de terem sido escolhidos textos especiais para a Missa que Sua Santidade celebrou imediatamente depois da proclamação do Dogma é um indício de que certamente algo se fez ou irá fazer-se neste sentido.

Os textos da Missa celebrada em São Pedro no dia 1 de Novembro foram: *Intróito: Signum magnum* apparuit in coelo... *Epístola* tirada do livro de Judite: Benedixit te Dominus in virtute sua... *Evangelho:* Narra a visitação a S. Isabel terminando com o Magnificat...

Serão estes os textos adoptados para a nova Missa? Talvez. Esperamos que quanto ao Ofício as modificações não sejam menos substanciais.

M. M.

Teologia do Sofrimento

Não pretende este trabalho ser uma exposição de técnica patológica, nem tão pouco mero relato das múltiplas opiniões das inúmeras escolas filosóficas, que a seu modo, investigam e pretendem solucionar o problema do sofrimento e da dor.

Antes, pretende com simplicidade e as deficiências que não consegui subtrair-lhe, ver parte da doutrina da Igreja quanto ao sofrimento.

RELANCE HISTÓRICO

Um bosquejo rápido de como o homem sem a luz da Revelação e da fé, procurou dar resposta, ao problema da dor evidencia a sublimação da doutrina da Igreja nesta matéria.

O antigo epicurista, outra coisa não procurando além do prazer de que faz sua suprema ambição, evita o sofrimento como único mal, e sempre que não pode libertar-se do seu domínio, termina em desesperado suicídio.

O estoico, vendo no sofrimento o efeito inexorável de uma lei fatal, resigna-se apático e estoicamente, porque procedendo assim, não perturba a paz almejada — seu único lema.

Para o monge budista a aniquilação da própria personalidade, fonte de sofrimento será empreendimento primário na vida.

Para os Romanos a Trapeia era a tumba comum de todos aqueles que às batalhas não podiam dar o vigor dos seus braços, nem ao império o seu trabalho e sempre, porque eram vítimas de invalidez ou de aturado sofrimento.

De certo, existe ainda na mente de todos a repulsa moral, ao ouvirmos as aberrações nazistas cometidas para alcançar uma pureza de raça; ficção mórbida que pairava em tantos espíritos germânicos; e a fatal vítima era o doente. Pode-se com efeito afirmar: quando «uma sociedade

desorientada e torturada esquece o Evangelho ou quando o coração do homem se deixa corroer pela vermina da descrença ou retalhar de ambições insofridas» logo o homem se afasta dos caminhos de Deus e retrocede senão à caverna, à selva.

FONTE REMOTA DO SOFRIMENTO

No Eden colocara Deus o Homem e exornara-o com o dom de integridade que compreendia em si: ciência infusa, domínio das paixões, imortalidade corporal.

Estes privilégios preternaturais outorgados aos nossos protoparentes, constituiam património familiar, e como tal transmitir-se-iam à descendência.

O Homem contudo permanecia livre, e ao ser submetido a uma prova, para merecer com o auxílio da graça, o céu, sucumbiu.

Foi tão profundo o abismo em que se viu mergulhado por esta queda, que reconhecendo abalada a sua própria natureza, vê-se ao mesmo tempo despido de todos esses tesouros inestimáveis com que Deus o enriquecera e perseguido pelas consequências funestas de queda tão trágica. Atrás de si o Paraiso fechado, na sua frente a condição de exilado; o homem começa sofrendo a nostalgia da felicidade perdida.

Eis pois, como nasce, logo no dealbar da humanidade, o sofrimento, consequência pungente da harmonia perdida entre a natureza e a graça que a dourava.

Não se julgue, contudo, que o homem com a queda, adquiriu a capacidade do sofrer ou, em adequada linguagem, capacidade dolorífica; não, esta estava intrìnsecamente ligada à sua natureza; ùnicamente o estado preternatural a que Deus o elevara, impedia-o miraculosamente de sofrer. Após a queda, perdido o estado preternatural, a capacidade dolorífica actua para defesa do próprio homem. Matar a possibilidade de sofrer, seria destruir a essência humana mesmo quando a dor nos aparece anormal e inumana.

S.^{to} Tomás ao falar da ordem violada e que se restabelece pelo sofrimento, verdadeiro instrumento de reparação, tem este pensamento: «ao mal pecado creado pelo homem e que fere Deus, responde Deus pelo mal dor que fere o homem». A dor é um remédio ao mesmo tempo que castigo e apelo à santidade. Sendo fruto do pecado, o sofrimento ordena-se à destruição do pecado. Seria erro, e erro grave, ver sistemàticamente em todo

o sofrimento, uma consequência de faltas passadas; e sobre isto o próprio Cristo adverte os seus discípulos; ao interrogaram-n'O sobre o cego de nascença «quem pecou, Mestre, ele ou seus pais?» Nem este pecou nem seus pais mas para que as obras de Deus nele sejam manifestadas.

Em suma: ùnicamente somos filhos de uma raça de pecadores e pertencemos a um mundo que o pecado feriu.

OS REVOLTADOS DA HERANÇA

Não é difícil encontrar nas estâncias sanatoriais, nos hospitais e até em humildes tugúrios, quem receba o sofrimento como vingança de Deus, e fazem eco do seu estado de espírito, repetindo com não menos furor a imprecação da mulher de Job ao ver sumir-se a grandeza da sua casa «maldito Deus».

Para estes a miragem é possuir uma vida indolor, e eis porque, quando o sofrimento lhes aflige a carne, angustia o espírito ou faz agonizar o coração, a rebeldia não se faz esperar, o insulto é vomitado do profundo abismo da tormenta em que se debatem e o atingido é sempre Deus, no qual a maior parte das vezes não crêem.

Ah, se o homem perverso visse na dor uma advertência de Deus?! Se visse no sofrimento o «alto-falante de Deus» na graciosa expressão de Lewis. Mas não raras vezes, o sofrimento em vez de implantar a bandeira da verdade no baluarte da alma rebelde, é antes instrumento terrível da mais absoluta rebelião e do mais acervo ódio.

Não olvidemos jamais que Deus serve-se do infortúnio, sofrimento, morte. . ., para orientar as nossas almas para o mundo melhor, onde Ele enxugará todas as lágrimas dos nossos olhos. E para muitos, como alguém se exprimiu, Deus é «o paraquedas para que olha o aviador, como coisa de que lança mão em caso de perigo, mas de que espera nunca fazer uso».

PREGÃO SALVADOR

Narra o escritor sagrado que um dia, nas proximidades de Cafarnaum, o Divino Mestre «subiu a um monte e tendo-se sentado abriu a boca, ensinando a multidão que sedenta da verdade O seguia por todo o lado». E Jesus proclama bem-aventurados os que choram, e os pobres e perseguidos, e os famintos e sedentos de justiça, e para todos prometeu a hora do prémio.

Este sermão da montanha, a que os séculos chamaram bem-aventu-

ranças e a que alguém chamou «o discurso da Coroa» veio inundar de efusiva alegria o mundo todo; como que uma esperança nova atravessava a Terra, já que o Homem das dores a todos prometia alegria e exaltação e uma grande recompensa nos céus.

Estas palavras que traduzem verdade, comunicam vida e brilham como fulgurante esperança, era um dos segredos que Jesus queria revelar à humanidade, esforçada na solução da implacável realidade do sofrimento.

A Santa Igreja possuidora desse segredo e do divino ensinamento, explorou, explanou e diz aos seus filhos, que o sofrimento é «selo do Amor, baptismo do bem e da virtude», remédio ao pecado, instrumento de reparação e de santificação.

Na verdade o sofrimento é um fogo que purifica. Pergunto: será por ódio ao ouro que o ourives o mete no crisol e o faz passar pelo fogo? Não é; apenas intenta torná-lo mais puro e precioso.

De modo semelhante faz passar Deus as almas pelo cadinho dos sofrimentos morais ou físicos, não por ódio contra essas almas — Deus é puro Amor —, mas para as tornar mais puras e dignas. A propósito recordo a frase tão fina quão delicada de São Francisco de Sales «a mão de Deus é como a do cirurgião, não fere senão para curar». «A estátua oculta-se no mármore, mas é preciso o escôpro e o martelo; para arrancar da alma os tesouros que encerra, importa quantas vezes que venha feri-la o buril do sofrimento».

O próprio Filho de Deus subindo à cruz, dava com o exemplo, a última lição eficaz do sofrimento como instrumento de purificação; com efeito todas as manchas do pecado limpou com seu sangue redentor.

Já a Idade Média representava o sofrimento como elemento purificador, por uma longa cruz cuja parte mais pesada era suportada por Cristo e a restante assentava sobre Papas, bispos, reis, nobres, operários, camponeses, velhos e crianças, cada um na sua parte, seu dia e sua maneira. Podemos afirmar: o nosso sofrimento é um pequeno fragmento arrancado à pesada cruz de Cristo de cujo mérito participa.

O SOFRIMENTO É UM AMIGO QUE ADVERTE

Designamos amigo sincero aquele que não teme penalizar-nos, para nos preservar de grande mal ou de eminente perigo oculto a nossos olhos por certas miragens. Ora, quantas vezes, na vida, o amigo sincero é a advertência salutar do sofrimento que Deus nos envia. Ouçamos aqueles

que deram testemunho desta verdade: François Coppé, célebre poeta parisiense, caiu doente na sua juventude após uma vida de naufrágio na prática da fé e dos bons costumes.

Escreveu então um livro que intitulou «o bom sofrimento» no qual tem esta expressão: «cem vezes bendito, seja o sofrimento que me conduziu a Vós, Senhor». Na verdade ele levara-o a encontrar os caminhos da fé, da verdade e da virtude.

O Santo Cura de Ars modelo frisante do pároco, gostava de contar aos paroquianos certa visita sua a um jovem prostrado pela enfermidade e ao qual perguntou: «meu rapaz tu sofres muito?

— Não, Sr. Padre, porque eu não sinto hoje as dores de ontem e amanhã não sentirei as de hoje.

— Apesar disso, retorquiu o santo, tu gostarias de curar.

— Não, pois era mau antes de adoecer e poderei tornar a sê-lo de novo; estou bem como me encontro».

E sempre o santo pároco terminava a narração com os olhos marejados de lágrimas.

O SOFRIMENTO É UM MESTRE QUE FORMA

Na grande escola do sofrimento, o único mestre é Deus; eis porque nela mais do que nos livros ou discursos se aprende a desejar os bens do céu e a deixar as vaidades da terra.

Lamartine ousa mesmo afirmar que é o sofrimento que nos torna homens e assim se exprime: «tu fazes o homem, ó dor, sim o homem integral».

Quantas vezes, o que os homens perdem nas grandes escolas, isso vêm encontrar, mal grado seu, nesta outra escola da vida: o sofrimento; que o diga Péguy e José Lotte.

O SOFRIMENTO É UM INSTRUMENTO DE CO-REDENÇÃO

Permiti-me uma comparação: na árvore a seiva produz o que é útil à própria árvore a saber: tronco, ramos e folhas mas produz ainda o que é útil aos outros: as flores e os frutos; e nós sabemos como homens, abelhas e passarinhos os disputam àvidamente. Assim os nossos sofrimentos enriquecem-nos a nós próprios de méritos que alcançarão tesouros de feli-

cidade e glória, mas querendo nós, poderão de igual modo merecer para nossos irmãos na fé, graças de conversão e santificação.

A propósito, não posso deixar de frisar uma nota pastoral. Este caudal de mérito proveniente do sofrimento, não poderá o pároco aproveitá-lo numa freguesia, para alcançar a conversão das ovelhas tresmalhadas, graças de firmeza para os titubeantes, de constância para os de prática e observância perfeitas?

Conheço um sacerdote que ao deparar-se-lhe um caso difícil na sua vida de apostolado, pensa no sofrimento de trinta doentes que pela acção sacerdotal do referido padre oferecem todas as suas dores. E afirma ele que tem obtido verdadeiros milagres.

Seria erro grave desprezar como inútil, estéril e impotente uma vida de sofrimento; ela poderá conquistar mais almas para o Céu que a pregação e a actividade de um padre.

Teresinha em Lisieux não ultrapassando os muros do seu convento ou o pequeno âmbito da sua cela e Xavier em ardentes e esgotantes jornadas de evangelização em terras do Oriente.

FINALMENTE O SOFRIMENTO É UM INCENSO QUE SOBE EM DIRECÇÃO AO CÉU

É no meio de difíceis provas que o coração humano geralmente melhor reza. Job, no meio da adversidade, glorifica o Senhor e canta seus louvores, sem deixar ressentir o mínimo gesto de rebeldia. Pascal, em cuja juventude sofreu fortes dores de cabeça, tem nesse momento este desabafo: «assim se conhece que Jesus Cristo crucificado deve ser toda a ciência do cristão e a única glória da sua vida».

Nada nos torna maiores que um aturado sofrimento, já que ele revela a nobreza, a paciência e a generosidade da nossa alma. Poderemos assim compreender a frase que aflora nos lábios das almas eleitas e que traduz a fina flor da santidade e a prova mais autêntica do amor: Senhor, eu Vos amo por causa dos sofrimentos que me enviais, pois creio que os permitis para meu maior bem.

E findo com dois pensamentos que traduzem e explicam o espírito e o segredo dessa inumerável falange de almas consagradas ao carinho dos doentes que povoam leprosarias, sanatórios, hospitais, asilos e tantos

outros institutos de beneficência. Quinze séculos separam os dois pensamentos, mas neles está cunhado o mesmo sentir porque promanam de duas almas enamoradas do mesmo Deus.

Escreveu assim S.to Agostinho:

«O corpo inteiro de Cristo geme nas provações até ao fim dos séculos, até que acabem os provados. Este homem geme e sofre e cada um de nós por sua parte grita no corpo deste homem. Tu gritaste ao longo dos dias da tua vida e teus dias se passaram. Um outro então tomou teu lugar e gritou durante a sua vida. Tu aqui, ele acolá, outros em lugares vários; o corpo de Cristo durante todo o dia não cessou de gritar; um membro tomava o lugar de outro quando o primeiro se calava. Há, portanto, um homem único que dura até ao fim dos tempos e estes são sempre seus membros que gritam».

Sua Eminência há um mês assim falou:

Quem lida de perto com doentes sabe que lida com chagas e sangue. Mas sabe também que lida com almas e por vezes com almas crucificadas, mendigas de alívios e esperanças. Dar-lhes o único conforto que podemos dar-lhes, quando tudo o mais lhes falta, é continuar na sua expressão mais bela a epopeia da caridade».

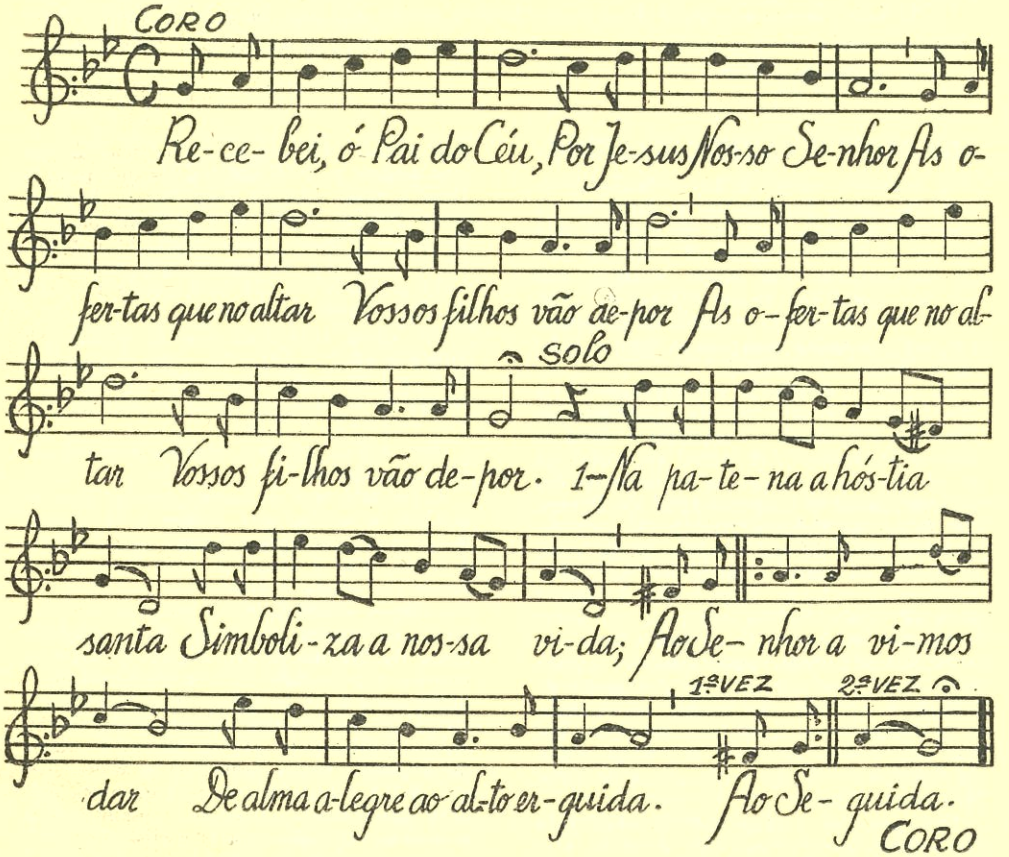
EUGÉNIO DOS SANTOS

Cânticos da Vida Cristã

1

OFERTÓRIO

Letra do P.e José Mendes Serrazina — Música do P.e Renato Ramos



II *Tudo o que somos e temos*
Sem nada p'ra nós guardar
Com a hóstia desta Missa
A Deus vimos ofertar.

III *Nossas penas, nossas dores,*
Todo o nosso labutar
Com ardor vamos no cálix
Desta Missa mergulhar.

IV *É por Cristo, Sacerdote,*
Em Cristo, Hóstia Imolada,
É com Cristo, nosso Irmão,
Que a nossa alma a Deus é dada.

Com licença da Autoridade Eclesiástica

Crónica de hoje

Só hoje aparece a crónica do mês de Outubro porque não nos foi possível publicá-la no tempo aprazado, dado coincidir com a apoteóse da Assunção que nos ocupou todo o espaço e ainda sobrou que dizer.

O Cronista

«DE PUERIS CATHEQUIZANDIS»

A continuar uma já longa tradição, de novo os nossos Seminaristas se lançaram na prática árdua mas atraente, da segunda obra de misericórdia espiritual. É mais um ano de evangelização das pobres crianças, que não têm quem lhes ensine o Sinal da Cruz, e por outro lado, este trabalho da Catequese constitui um treino real para os futuros apóstolos, Padres de amanhã.

As enormes distâncias que separam os vários lugares duma Paróquia, acarretam ao Pároco a dificuldade de satisfazer a todas as suas necessidades. Em parte, especialmente na catequese às crianças, os Seminaristas dos Olivais suprem a falta inevitável do Pároco, nas freguesias vizinhas, trabalhando com entusiasmo pela difusão e extensão do reino de Deus nas almas e muito em particular, nas das criancinhas. Dignos são de louvor esses abnegados Padres, que para apascentar o rebanho, se desmembram, para a tudo e a todos atender; é não menos simpático o gesto destes generosos rapazes, que a despeito de fadigas e cansaços, se lançam ao caminho e ao tempo, para irem levar migalhas, aos que não podem comer o pão substancioso da doutrina do Mestre e necessitam de quem lhes parta o pão.

São seis os centros beneficiados pela colaboração dos Seminaristas; a saber: Olivais, Bairro da Encarnação, Sacavém, Charneca, S. João da Talha e Camarate. Destas terras, só algumas estão constituídas freguesias, as outras, a maioria, estão anexas aos Olivais e a Sacavém.

Consequentemente os rapazes que nelas trabalham estão divididos por 6 grupos, somando na totalidade 70.

É impressionante e digno de nota o cuidado que os Catequistas, chamemos-lhe assim, põem na preparação das suas lições. Consultam manuais e pedagogos, mas sobretudo, preparam-se pela oração e sacrifício. É que eles sentem as responsabilidades que perante Deus e essas crianças assumiram.— A quem serão pedidas contas, se a semente que eles lançaram produzir frutos atrofiados e ramos secos, separados do tronco, que para mais nada prestarão se não para serem lançados ao fogo depois de cortados?

Por outro lado, que alegria, quando na presença do Juiz Supremo, essas crianças forem as testemunhas insuspeitas apontando o catequista como a sua tábua de salvação por que entraram no Céu!

Que glória e que responsabilidade! O zelo... a incúria...!

É por isto, que os nossos rapazes se apetrecham o melhor que podem e lá partem todas as quintas-feiras a levar a vida de Deus a terras frias e distantes, onde Deus não é conhecido, e não é amado.

— Como é arripiante o primeiro contacto com uma criança que nunca ouviu falar de Deus, do Menino Jesus! Digamo-lo nós que tivemos a *felicidade* de contemplar tamanha infelicidade e de podermos abrir um sorriso na *alma dessas almas inocentes*. Felizes os nossos Seminaristas que se dedicam à Catequese porque têm a certeza da promessa: «o que fizerdes a um dos mais pequeninos é a Mim que o fazeis — Gaudete et psallite, quia merces vestra copiosa est in coelis».

«EVANGELIZARE PAUPERIBUS»

Em diferente campo de actividade real se ocupam outros Seminaristas, o apostolado dos pobres. Como complemento da formação que o Seminário ministra aos seus *Padres*, é necessário pô-los em contacto com as realidades *cruas* da vida. Os *pobres*, eis a grande realidade da sociedade dos nossos tempos. Os *pobres...!* Permite a actividade Vicentina aos Seminaristas, porem-se em contacto com

os pobres de fortuna, pobres de saúde... e são tantos, pobres, enfim, da pobreza extrema, pobres do espiritual. É no tugúrio que se avalia o que é o super-homem, é na choça do pobre que se palpa a falsidade de certas máximas sociais, é no catre do farrapo humano que se vê o egoísmo concentrado daqueles que tudo têm e nada são...!

É meditando amiúde na realidade viva e pungente da miséria humana que nós os Vicentinos nos vamos, pouco a pouco, transformando no Cristo Sofredor, abnegado e desprendido.

— Admitimos este ano 21 pobres, todos dos arredores do Seminário.

É às quintas-feiras que nos espalhamos pelas imediações do Seminário entrando nesta e naquela barraca e lá nos demoramos em longa e animada conversa deixando sorrateiramente a pequena esmola semanal.

Vemos Cristo no pobre; vemos neste tuberculoso, naquela cancerosa, o complemento da Paixão do Senhor que a nós, pobres pecadores, é dado contemplar ao vivo. São estes, Deus o sabe, que sustêm o braço vingador, de se abater sobre o mundo. Oh! se todos pudessem aprender e viver a segunda parte da Redenção de Cristo — *sofrer o que falta à Paixão de Cristo* — ! Os pobres não seriam tão pobres.

DIA DAS MISSÕES

«Euntes in mundum universum...»

A concluir a nossa Semana Missionária, celebrou-se no Seminário uma sessão solene a que se dignou presidir S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Arcebispo de Cízico.

Abriu-se a sessão com os hinos, Missionário e da União Missionária, executados pelo grupo polifónico, acompanhados a órgão, piano e violino, e um Seminarista cantou em seguida dois solos, glosando o tema do dia.

— Em breve discurso, foram evocados os tempos da vida pública do Senhor passando o orador a comentar o «ite in mundum universum...» estabelecendo logo o contraste entre o mandato do Senhor e o seu cumprimento. Citou ainda a frase do Mestre «alias oves habeo...» mostrando a necessidade instante de que em breve elas entrem no único rebanho de Cristo e da sua Igreja «illas oportet me adducere ut fiat unum ovile et unus Pastor».

— Como coroa das palavras ditas ergueu-se a voz incisiva de S. Ex.ª Reverendíssima fazendo um apelo veemente e incitando-nos a um maior amor, desde já, pela causa missionária, pela oração, e mais tarde pelo apostolado nas almas. Terminou com esta frase que ficou a ressoar no mais íntimo das nossas almas e jamais esqueceremos: — *Apaixonai--vos pelo trabalho das Missões para elevar--mos os nossos povos para a luz do Evangelho*». A frase impõe-se por si e dispensa comentários.

— Exibiu-se em seguida uma pequena fita de cinema que figurava na tela o tema do dia e outra coisa não era, que um documentário da actividade Missionária no mundo em prol das Missões Católicas.

Pôs termo à sessão o Sr. Con.º Vice-Reitor que em breves palavras enalteceu a Obra Missionária recordando tempos passados... de quando era Director Espiritual em Almada. Falou do Amor Missionário rematando no final que se o Sacerdócio Católico não for Missionário já não é Sacerdócio.

E... encerrou-se a sessão.

ABRAÃO NA SUA POSTERIDADE

Duas datas se celebraram neste mês de Novembro; o aniversário natalício de Sua Eminência Reverendíssima e a eleição para Patriarca de Lisboa do mesmo Eminentíssimo Senhor.

— A 18 de Novembro findo, completou o Senhor Cardeal Patriarca vinte e um anos de reinado após a sua eleição a 18 de Novembro de 1929.

— Aos nossos irmãos do Seminário de Almada coube a felicidade de com toda a Solenidade externa, a começar por ser feriado esse dia desde tempos imemoriais, até a de terem a dita da presença entre eles do nosso Venerando Pastor, celebrarem a outra data 29 de Novembro, que é o aniversário natalício de Sua Eminência; desta, a eles compete falar.

Da primeira, 18 de Novembro, vou passar a fazer a crónica.

O tema do dia não podia ser outro: «imitatores mei estote».

Por toda a parte se falava do Pastor, na Capela, nos recreios, no refeitório e por último em sessão solene. Na Meditação da manhã é Sua Eminência apresentado como modelo de virtudes e Pai extremoso; nos recreios combina-se a redacção dos telegramas que os diferentes cursos enviariam. No refeitório, lá estava em lugar de presidência o retrato de Sua Eminência todo rodeado de flores. Na sessão... foi assim:

Deu-se início à dita com a execução

da *Ave Maria* de Rossini. Seguiu-se um discurso que vem publicado noutro lugar desta revista que em resumo podemos sintetizar nesta súplica:

Bendito sejais Senhor pelo dom que nos fizestes. Conservai-nos por muitos anos tão Santo e Sábio Pastor.

Como terceiro número da sessão um aluno cantou alguns solos de gosto popular —

«Soneto da Saudade»
«Évora»
«Moleirinha»
«Sinfonia das folhas secas».

Em seguida representou-se uma peça, adaptação do Rev. P. José Viçoso Freire, sendo S. Rev.ª no final muito aplaudido.

Pôs termo à sessão S. Ex.ª Rev.ma o Senhor Cónego Vice-Reitor que, em resumo, disse:

— Na Missa demos graças a Deus por tão insigne Pastor, agora pomos de novo em comum os sentimentos do coração sendo alvo ainda o nosso Prelado.

Fez votos S. Ex.ª Rev.ma por que num futuro próximo esta festa seja uma realidade em Lisboa onde entre milhares de pessoas figure a pessoa de Sua Eminência, a ser aclamada por multidão em festa e agradecida ao Senhor pelo Pastor que nos deu.

Disse mais, deverem ser os nossos sentimentos, de gratidão, gratidão amorosa para com Aquele que para nós é Cristo, a quem devemos mais que a ninguém.

Depois de agradecer aos colaboradores da sessão, nomeadamente ao Rev.mo Senhor P. José Francisco Viçoso Freire, terminou pedindo ao Senhor que dê longa *vida* e *graça* a Sua Eminência Reverendíssima, para continuar a ser o DOUTOR, PAI, GUIA e MESTRE, e nós sermos mais dignos do PASTOR que Deus nos deu.

— Findou o dia 18, mas todos os dias se eleva até aos Céus esta prece, murmúrio de lábios, expressão de veneração: — Oremos pelo nosso Patriarca Manuel «Que o Senhor o guarde e lhe conceda longa vida, o torne feliz na terra e o não deixe cair sob a ira de seus inimigos».

O 18 é aniversário, mas os outros também são dias...

O CRONISTA

BIBLIOGRAFIA

«A Verdade sobre o Cardeal Mindszenty...» — Edição da SET — R. Gomes Freire, 30 — Lisboa.

Muito se tem falado e escrito contra o Comunismo para lhe pôr à mostra as raízes daninhas, no entanto temos de confessar que isto não foi tudo.

Havia que apresentar os seus nefastos efeitos, pois «é pelos frutos que se conhecem as árvores» distinguindo-se, por eles, as más das boas.

Ora o presente opúsculo, que a Sociedade Editorial do Trabalhador (S. E. T.), sempre pronta a servir a Verdade, editou, vem dar-nos a conhecer, com verdade, alguns dos frutos do Comunismo. Por eles todos ficarão fazendo uma ideia exacta a seu respeito, sendo útil por isso mesmo a leitura do opúsculo editado.

Com clareza e seriedade, diz-nos ele o que foi, em verdade, a tragédia do Cardeal Mindszenty e em apêndice apresenta uma longa e eloquente lista de outras vítimas do comunismo.

Pela sua clareza e seriedade e pelo assunto que trata é livro para os reverendos Párocos lançarem nas mãos dos seus paroquianos, muitos deles, a maioria, impossibilitados de fazerem grandes estudos ou leituras, e expostos à acção comunista na concepção da verdade e dos factos.

J. A.

TOSSE?

